



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS**

THAIS DA SILVA MARINHO

**OUTROS CANTOS: O PAPEL DA EDUCADORA MARIA E A CONCEPÇÃO DA
LEITURA COMO ATO POLÍTICO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2023**

THAIS DA SILVA MARINHO

**OUTROS CANTOS: O PAPEL DA EDUCADORA MARIA E A CONCEPÇÃO DA
LEITURA COMO ATO POLÍTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras - Português.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves

**CAMPINA GRANDE - PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M338o Marinho, Thais da Silva.
Outros Cantos: o papel da educadora Maria e a concepção da leitura como ato político [manuscrito] / Thais da Silva Marinho. - 2023.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "

1. Análise literária. 2. Memória. 3. personagem educadora.
4. Ato político. I. Título

21. ed. CDD 801.95



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME DO ALUNO: THAIS DA SILVA MARINHO

TÍTULO DO TCC: OUTROS CANTOS: O PAPEL DA EDUCADORA MARIA E A
CONCEPÇÃO DA LEITURA COMO ATO POLÍTICO

Trabalho de Conclusão de Curso em
Letras Português da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Graduado
em Licenciatura Plena em Língua
Portuguesa.

Área de concentração:

Aprovado em: 29/06/2023

BANCA EXAMINADORA

Ana Lúcia Maria de Souza Neves

Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Kalina Naro Guimarães

Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Luciano Barbosa Justino

Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	A ESCRITORA E EDUCADORA MARIA VALÉRIA REZENDE.....	7
3	O SER(TÃO) DE MARIA MULHER E EDUCADORA	10
3.1	Maria e suas travessias.....	10
3.2	As memórias de outros cantos costurando o ontem e o hoje.....	13
3.3	Os Cantos de Maria pela Pedagogia da Autonomia.....	15
3.4	A importância do ato de ler e o papel da educadora em “Outros cantos”	16
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
	REFERÊNCIAS	21

OUTROS CANTOS: O PAPEL DA EDUCADORA MARIA E A CONCEPÇÃO DA LEITURA COMO ATO POLÍTICO

“OUTROS CANTOS”: THE ROLE OF EDUCATOR MARIA AND THE CONCEPTION OF READING AS A POLITICAL ACT

Thais da Silva Marinho^{1*}
Ana Lúcia Maria de Souza Neves^{2**}

RESUMO

O presente artigo é uma análise do romance *Outros Cantos* (2016) da escritora Maria Valéria Rezende. O objetivo é realizar uma discussão em torno da construção da personagem educadora Maria, narradora personagem do romance, e da concepção de leitura como um ato político na perspectiva Freireana. A reflexão situa-se no diálogo entre as concepções de Paulo Freire para o campo da pedagogia e da filosofia da educação e as construções de Maria Valéria acerca do educador e da leitura. Para tanto, o artigo está embasado em duas obras de Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à Prática educativa* (1996) e *A importância do ato de ler* (1989). Além das referidas obras, recorreremos a estudos críticos sobre a obra de Maria Valéria Rezende, bem como as contribuições de Sartre (2015) e Candido (2012) acerca da construção do romance e das concepções de arte e literatura. Desenvolvemos também, ao longo do trabalho, uma breve reflexão sobre o aspecto da memória presente na construção da narrativa, considerando as contribuições de Ecléa Bosi (1994) para esse fim.

Palavras-chave: Análise literária; Memória; personagem educadora; ato político.

ABSTRACT

This article is an analysis of the novel “Outro Cantos” (2016) by the author Maria Valéria Rezende. The objective is to carry out a discussion around the construction of the educator character Maria, narrator character of the novel, and the conception of reading as a political act in the Freirean perspective. The reflection is situated in the dialogue between Paulo Freire's conceptions for the field of pedagogy and the philosophy of education and Maria Valéria's constructions about the educator and reading. For that, we base the article on two works by Paulo Freire: “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à Prática educativa” (1996) and “A importância do ato de ler” (1989). In addition to these works, we resorted to critical studies on the work of Maria Valéria Rezende, as well as the contributions of Sartre (2015) and

^{1*} Graduanda do curso de Licenciatura em Letras – Português pela UEPB. E-mail:

thais.silvaa123@gmail.com.

^{2**}Profª. Dra. da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail:

analuciasouza@servidor.uepb.edu.br.

Candido (2012) about the construction of the novel and the conceptions of art and literature. We also developed, throughout the work, a brief reflection on the aspect of memory present in the construction of the narrative, considering the contributions of Ecléa Bosi (1994) for this purpose.

Keywords: Literary analysis; Memory; educator character; political act.

1 INTRODUÇÃO

O papel da leitura na formação do cidadão consciente e autônomo é primordial, seja a leitura das palavras, imagens ou a leitura em sentido amplo, ou seja, do mundo que circunscreve os sujeitos. Ler é uma das ferramentas fundamentais por meio da qual é possível se perceber como agente fazedor da própria história. Tendo isso em vista, o presente trabalho busca fazer uma análise do romance *Outros Cantos* (2016) da autora Maria Valéria Rezende, focalizando o papel da personagem Maria como educadora, identificando no perfil e nas práticas da personagem o diálogo com as contribuições teóricas do estudioso Paulo Freire.

Nessa análise as obras *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à Prática educativa* (1996) e *A importância do ato de ler* (1989) de Paulo Freire foram consideradas como norteadoras para as reflexões sobre as práticas pedagógicas da narradora-personagem. Além delas, baseou-se nas discussões sobre *Arte e Subjetividade* de Jean-Paul Sartre (2015) para examinar o processo de construção do romance. Também foram considerados os estudos de Cosson (2009) e Candido (2012) a respeito da concepção de texto literário e do direito à literatura respectivamente. Sendo a memória parte indispensável na construção da personagem Maria, procurou-se fazer uma breve reflexão acerca desse aspecto utilizando-se, para esse fim, as contribuições de Bosi (1994).

A metodologia deste trabalho, portanto, constitui-se em uma pesquisa bibliográfica de cunho analítico, relacionando a obra estudada com outros textos a fim de alcançar uma compreensão mais ampla da temática abordada. Por meio do estudo ressalta-se também o compromisso político da literatura de Maria Valéria Rezende com os menos favorecidos, ao combater o analfabetismo, questionar as injustiças cometidas pelos padrões, denunciar perseguições políticas etc.

Para alcançar os objetivos propostos, o trabalho apresenta-se organizado em três tópicos. Inicialmente, apresenta-se uma discussão acerca da vida e obra da escritora, bem como se realiza uma breve análise do processo de escrita romanesco rezendeano, ressaltando a ênfase, identificada nos livros, na leitura e escrita como ferramenta de emancipação subjetiva e social das personagens. Em seguida, promove-se um aprofundamento de aspectos principais da obra em estudo, como a travessia da personagem-narradora e o aspecto da memória. Por fim, adentra-se na discussão sobre a prática pedagógica da personagem Maria e a articulação desta com os pressupostos freireanos.

2 A ESCRITORA E EDUCADORA MARIA VALÉRIA REZENDE

Nascida na cidade de Santos (SP), em 1942, Maria Valéria Rezende mudou-se para a Paraíba aos 34 anos. A autora é formada em Língua e Literatura Francesa, Pedagogia e tem Mestrado em Sociologia. Durante a maior parte de sua

vida dedicou-se empenhadamente à educação popular não apenas no Brasil, mas em outros países. Essa característica reflete-se, inclusive, em sua obra, na qual o letramento e a educação crítica e libertadora são temas constantes. Sua primeira publicação literária foi em 2001 com o livro *Vasto Mundo*, desde então é figura constante nas premiações e em importantes movimentos literários. Rezende acumula prêmios como: Prêmio São Paulo de Literatura, Prêmio Casa de Las Américas, Prêmio Jabuti, entre outros. Além de ser uma das idealizadoras do movimento “Mulherio das Letras”, que tem como proposta reunir, incentivar e alavancar mulheres escritoras, editoras e profissionais das Letras.

A literatura de Maria Valéria é imersa na importância da arte, do ensino, da criticidade, da autonomia do saber e na valorização dos marginalizados. Sua escrita aborda temáticas sociais sensíveis de uma forma cativante e envolvente, fazendo com que o leitor aproxime-se dos personagens e conheça mais profundamente as revoltas, tristezas e lutas vivenciadas em cada enredo, ou (des)enredo, como diria Guimarães Rosa. Ela, hoje, poderia ser incluída no que Candido (2012, p. 30) chamava de “o batalhão de escritores empenhados em expor e denunciar a miséria, a exploração econômica, a marginalização”. Destaca-se também sua relação com o público feminino — por que não dizer “uma literatura de mulher para mulheres” — visto que muitas de suas protagonistas são mulheres, tome-se de exemplo Alice do romance *Quarenta Dias*, Irene em *O Voo da Guará Vermelha*, Isabel em *Carta à Rainha Louca* e, Maria, foco da presente análise de *Outros Cantos*.

Um dos diferenciais dessa autora é a forma como consegue descrever e denunciar através de seus escritos problemas que estão arraigados na sociedade brasileira, porém sem perder a qualidade estética que uma obra literária deve ter, na verdade, faz essa união entre denúncia e estética com uma destreza magistral. Na discussão acerca de arte e subjetividade, proferida por Sartre (2015, p. 71), foi salientado que a arte “é uma subjetividade que se conhece e que se insere conscientemente na objetividade”. Pode-se dizer que há um olhar objetivo acerca das problemáticas expostas, todavia expressas através de personagens complexos e psicologicamente intrigantes, construindo, dessa forma, cenários, personagens e situações instigantes e tocantes com uma linguagem fluída e envolvente. *Carta à Rainha Louca* (2019), por exemplo, que é construído com uma linguagem mais arcaica, consegue ser esteticamente chamativo, principalmente - e talvez por elas - em suas partes rasuradas, nas quais se encontram as maiores denúncias do livro. A linguagem arcaica e rebuscada, os cenários e os acontecimentos apresentados na obra demonstram a qualidade da autora em conseguir recriar a ambientação e o papel feminino (e o feminista), de forma crítica, em um Brasil colonial, por volta de 1780. E mesmo que a discussão feminista seja um de seus focos nessa obra, também se faz presente toda a discussão do papel do letramento e do acesso à educação como fatores primordiais na formação, na transformação e na ascensão do indivíduo e da sociedade.

Adentrando nessa questão, ler e escrever desafiam Rosálio e Irene em *O Voo da Guará Vermelha* (2009). Ele, um homem analfabeto apaixonado por contar histórias que tem o sonho de aprender a ler para poder se aprofundar nos livros que carrega como seu tesouro em uma caixa de madeira. Ela, uma prostituta, alfabetizada, que tem o sonho de escrever alguma coisa para deixar quando morrer, mas sem muita inspiração para criar algo. O encontro dos dois permite que ambos se ajudem em seus objetivos, ao mesmo tempo em que proporciona ao leitor uma experiência instigante, visto que a história presente do livro intercala-se com histórias passadas dos dois personagens. Outro aspecto que desperta o interesse é

o fato de que a narrativa principal é costurada por várias outras pequenas narrativas que poderiam até se comportar muito bem individualmente como contos, coisa que só enriquece a totalidade da obra. Ademais, o modo como a autora consegue, de forma sensível e pungente, problematizar a condição do analfabeto em uma sociedade capitalista e exploratória realça sua maestria como escritora.

Focalizando o objeto de estudo deste trabalho, *Outros Cantos* (2016), Maria, personagem-narradora, embarca em uma viagem de ônibus para o sertão, nesse trajeto refaz mentalmente sua primeira estadia naquele lugar, quando foi com a missão de alfabetizar jovens e adultos em um contexto que o povo sofria a opressão do regime político vigente e eram explorados pelo dono das terras em que produziam. Mais uma vez a problemática do analfabetismo será discutida, dessa vez através de uma personagem professora. Maria Valéria Rezende, mais que escritora, lidou por muitos anos com a educação, além de ser freira missionária e envolvida com movimentos populares. Isso pode ajudar a entender a motivação da **educação popular** ser algo tão presente nas suas obras. Outro aspecto recorrente é o da **memória**, assim como no *O Voo da Guará Vermelha*, *Outros Cantos* também é construído com uma alternância dos eventos que a personagem Maria vivencia no presente e a reconstrução que ela faz do passado. Sendo que neste, a reconstrução é a maior parte da história, deixando o presente representado por pequenos *flashes* que auxiliam na contextualização ou puxam os gatilhos da memória.

As obras anteriormente citadas destacam importantes momentos e movimentos político-históricos: Brasil colonial e o feminismo; sociedade capitalista e o cidadão analfabeto; a população e o papel do educador em um período ditatorial. Esses tópicos são conduzidos com certa espontaneidade, possivelmente pelas experiências pessoais da autora e, certamente, por suas extensas pesquisas para construção de seus romances. Para a arte, observando as reflexões de Sartre, essa interiorização do autor na veracidade interna da obra refletindo uma sociedade é um dos fatores que fazem surgir uma boa obra, pois a exposição desses momentos e movimentos políticos “sem essa obscuridade de si” poderia resultar em maus livros. Afinal, há dados, livros históricos e reflexões objetivas sobre essas temáticas para fins sociais da verdade e de estudo. Mas na literatura, que também é uma fonte de reflexão social, a verdade está “justamente na medida em que ele trouxe uma subjetividade, a subjetividade de quem pinta esse meio social e que, ao pintá-lo, se coloca dentro dele” (SARTRE, 2015, p. 75). Por isso, e pela biografia da autora, quando se examina a personagem principal de *Outros Cantos*, apesar de não se tratar de uma autoficção, é quase impossível não enxergar a própria Maria Valéria criadora na Maria criatura:

Não pode haver livro bom sem subjetividade. É evidente que precisa haver uma pintura da sociedade na medida em que o homem nela está, mas o que ele é, e o que ele é dentro dela, é que expressa realmente a situação. (SARTRE, 2015, p. 74).

E qual seria o ponto deste tópico? Evidenciar o equilíbrio que a autora possui para construir em seus romances uma narrativa socialmente crítica, com referências históricas, reflexiva e, principalmente, com o primor estético que uma obra literária deve apresentar e, mais do que isso, dominando as potencialidades que a língua oferece para a construção de sentidos, até por que “é preciso partir da linguagem e, ao partir da linguagem, mostrar como a linguagem vulgar e comum adquire força na obra de arte, tornando-se assim poesia.” (SARTRE, 2015, p. 83), e a relação de sua escrita com a totalidade da obra torna evidente o seu apuro romancista. Dito isso,

conclui-se esse ponto afirmando que, como Sartre (2015) sinaliza em suas observações sobre a construção de um romance, Rezende não se detém a meras descrições de pessoas ou fatos históricos, tampouco transcreve acontecimentos, tal qual ocorreram objetivamente, ou apenas com o olhar de uma simples observadora, como também não produz uma escrita ingênua e desvinculada da realidade com emocionalismo vazio. O que ela faz é unir experiências reais de uma vida ativa a uma ficcionalização poética e linguisticamente competente. Como bem lembra Candido (2012, p. 26), "a eficácia humana é função da eficácia estética, e portanto o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes". Literatura política, marcada por temáticas atuais, linguagem rica e instigante e personagens contundentes.

3 O SER(TÃO) DE MARIA MULHER E EDUCADORA

Os subtópicos seguintes se propõem a discutir e refletir pontos principais da obra, de acordo com o objetivo deste trabalho. As reflexões passarão primeiro sobre as travessias físicas da protagonista, seguida de suas travessias na memória, que são aspectos primordiais para compreender o romance. Os dois últimos subtópicos visam alinhar as práticas pedagógicas da personagem aos pressupostos freireanos.

3.1. Maria e suas travessias

No romance, é possível ter contato com algumas fases diferentes da vida da personagem principal, com maior ênfase na Maria de 30 anos de idade que chega pela primeira vez ao Sertão, e a Maria de 70 anos de idade que está em uma viagem de ônibus rememorando seu passado. Faz-se também breves passagens pela fase adolescente e de sua juventude. Nessa transição é possível perceber o amadurecimento do olhar dessa mulher em relação aos seus objetivos, seus conflitos e consigo mesma, o mover-se para confrontar suas obscuridades e trazer à luz seus fantasmas. E a sua primeira estadia no sertão, segundo ela, é um impulso que mobiliza muitas mudanças:

As esperanças levadas por mim naquela primeira viagem eram muito maiores e muito mais curtas do que as de agora, [...], e vou pensando que as minhas mudaram e se tornaram muito mais modestas e pacientes do que antes, talvez envelhecidas como eu. Começaram a mudar naquele dia, quando, pela primeira vez, me meti nesta paisagem áspera e espinhosa (REZENDE, 2016, p.12)

A primeira viagem de Maria para aquele vilarejo carregava maiores esperanças, talvez, por se tratar de uma mulher jovem, de 30 anos de idade, ativista em uma época ditatorial com a missão de ajudar a organizar a luta popular plantando a semente do ensino crítico e formador, ajudando a despertar a consciência do povo. Ela acreditava no que também acreditava Paulo Freire (1989, p. 21) de que "o Brasil foi 'inventado' de cima para baixo, autoritariamente. Precisamos reinventá-lo em outros termos". Contudo, ao chegar e passar alguns dias, ela percebe que esse trabalho exigirá muito tempo e paciência, o que provoca questionamentos na jovem: "poderia eu manter o que me trouxera para ali, desperta-lhes ainda esperanças terrenas quando o vivido só lhes permitia situá-las no céu e assim já se haviam consolado por séculos?" (REZENDE, 2016, p. 62).

Já nessa segunda viagem ela é convidada a ministrar uma palestra a fim de fazer "uma reflexão crítica sobre o pensamento dominante e a influência da mídia

televisiva desde a chegada da eletricidade” em um sindicato. Afinal com o advento da eletricidade vieram à luz ainda mais influências e intervenções geradoras de alienações, fazendo-se necessário aprender a lidar com esse manejo midiático, pois “quanto mais conscientemente faça a sua História, tanto mais o povo perceberá, com lucidez, as dificuldades que tem a enfrentar, no domínio econômico, social e cultural, no processo permanente da sua libertação.” (FREIRE, 1989, p. 24). A luta é constante, persistente, pois a parte dominante sempre encontra meios de manter o povo subjugado. Com a chegada da tecnologia e da modernização muitas são as formas de orquestrar massas de manobra, por isso “não podemos nos pôr diante de um aparelho de televisão ‘entregues’ ou ‘disponíveis’ ao que vier” (FREIRE, 1996, p. 72), o que exige ainda mais lucidez e preparo do povo para estar ativo na construção de sua história, e o estudo é parte fundamental dessa construção, visto que estudar é um ato político. Ou melhor dizendo, “estudar não é fácil porque estudar é criar e recriar é não repetir o que os outros dizem. Estudar é um dever revolucionário” (FREIRE, 1989, p. 33).

Com mais liberdade discursiva do que em outrora e observando a evolução ao redor, que indica que pelo menos partes básicas do que era desejado 40 anos atrás começava a se cumprir, como: cisternas em cada casa, suavizando os longos percursos que se faziam necessário diariamente para poder conseguir água; instalações elétricas; casas mais resistentes; entre outros itens que provavelmente proporcionam um pouco mais de conforto aos sertanejos atuais. Dessa forma, Maria pode ver frutos da causa a qual dedicou sua vida. E percebe que a luta atual é um pouco mais amena, porém não menos importante.

Em todo desenvolvimento da narrativa é possível perceber que a personagem Maria é uma pessoa aberta às experiências que a vida lhe propõe. Mesmo ainda sendo uma jovem adulta, ao chegar ao sertão já havia passado por países como: Argélia, México, Paraguai, Portugal e Paris. O propósito de algumas dessas viagens não se fazem tão claros, porém, pelos indícios, a maioria estava ligada à missões relacionadas à luta popular. O que também a aproxima do seu mestre da educação, quando ele diz que: como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se.” (FREIRE, 1996, p. 26). O que fica claro é o empenho que ela dedicava às causas que escolhera, o que explica uma jovem mulher com tanta coragem de adentrar em tão desconhecidos lugares, pois para ela naquela época:

Ainda não se havia espalhado por toda a terra a ilusão de poder-se fraudar o tempo e afastar indefinidamente o envelhecimento e a morte com técnicas cirúrgicas e calistênicas [...]. Então, só era possível fazê-lo tornando-nos heróis, mártires, mitos, símbolos. Apostava-se a vida no que acreditávamos ser maior que a nossa própria vida. Encher de sentido o tempo era, então, mais urgente pois tão passageiro, urgência de marcar o mundo com nossa existência, mesmo que arriscando-nos a torná-la ainda mais breve. (REZENDE, 2016, p.10).

E aceitando mais um desses riscos chegou ao povoado de Olho d'Água, que inicialmente tanto comparava com as paisagens desérticas da Argélia. Aliás, é o lugar que ela mais contrapõe com o sertão, por mais diferentes que sejam, principalmente pela forma mais luxuosa que ela descreve ser a Argélia, ainda assim consegue enxergar semelhanças na cultura, nas manifestações artísticas, no preparo de alguns alimentos e no próprio aspecto geográfico do local.

Ao primeiro contato com seu novo refúgio, a professora é tomada pelo desânimo, por um esfriar de suas esperanças, que são renovadas pelo encantamento das descobertas que desbrava nas primeiras semanas. Mas esse encantamento também é dissipado pela dureza da vida no local, que ao perder o brilho das descobertas, torna-se incômoda. Passar os primeiros meses sem avanço no projeto que ali lhe trouxera tornou-se um fardo, pois iniciar oficialmente suas aulas dependia do material básico prometido pelo político da região. Essa estagnação culminou em um esmorecimento pessoal que a adoceceu por mais de uma semana. Essas mudanças bruscas no estado de espírito da protagonista são recorrentes ao longo da narrativa, revelando-a uma pessoa sentimental e melancólica que frequentemente se refugiava em suas histórias e memórias buscando fugir da realidade. Exilando-se dentro de si, além do exílio local que se encontrava.

Em semelhante intensidade com que se entregava aos seus devaneios, dedicava-se a explorar o ambiente à sua volta, descobrindo as mais distintas situações que as diferentes culturas podem proporcionar. Presenciando episódios como o de violência doméstica, em que ao tentar intervir é duramente repreendida, pois a própria mulher normalizava o direito do marido bater nela, seguindo o famigerado ditado de que “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher” (REZENDE, 2016, p. 125). E quando, ao caminhar pelo mato, observou um ritual de penitência no qual os participantes se autoflagelavam “com longos relhos de couro e pedregulhos atados às pontas” (p. 130) para pagar os pecados. Essas situações (entre outras) que tanto a assustavam ou despertavam a curiosidade eram extremamente normais para as pessoas dali. Para ela, era algo como descreve Da Matta (1981, p. 4), que “mesmo diante de formas culturais aparentemente irracionais, cruéis ou pervertidas, existe o homem a entendê-las - ainda que seja para evitá-las.”, pois apesar do choque, Maria não expressava reação de julgamentos, mas tentava entender cada coisa que ali se passava atendendo seu espírito investigador.

Olhando para a Maria aos 70 anos de idade, um dos conflitos que a desafiam, são os prováveis enfrentamentos em decorrência de sua idade, afinal: “Em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem.” (BOSI, 1994, p. XVIII) e para uma mulher que teve uma vida de lutas e desafios o olhar fragilizador que a sociedade tem em relação às pessoas idosas é incapacitante. A narradora faz um breve relato acerca do que as pessoas pensam sobre ela andar de ônibus sozinha: “Um perigo! Na sua idade... Pegue um avião.” (REZENDE, 2016, p. 26). E lembra que nessa transição até mesmo os medos mudaram, reclamando dos medos modernos que hoje a atingem, sendo que outrora era tão “certa de ser tão corajosa” (p. 26). Ainda refletindo sobre como o idoso é visto na sociedade, uma passagem que desperta a atenção é a que revela os vizinhos de Maria, no sertão, um casal de idosos que seguem lutando para sobreviver de forma independente naquela teimosa vida, lutando contra o “dono”, a seca e a escassez, também agora contra o tempo, contra o próprio corpo. Pois conseguir executar de forma autônoma as tarefas básicas de sobrevivência naquela realidade era questão de dignidade.

Para concluir esse tópico, também é válido considerar o nome da personagem, afinal Maria é uma boa escolha para uma representação generalizada de tantas mulheres, tantas educadoras e ativistas que podem se familiarizar com esses trajetos e conflitos. A narradora dá indícios de que foi um nome adequadamente escolhido para aquela ocasião: “Maria, Maria”. Demorei a

reconhecer-me no nome chamado. (REZENDE, 2016, p 14), apesar de também indicar ser esse um de seus verdadeiros nomes:

Maria, um dos nomes que certamente me pertenciam, mas até então tinha ouvido apenas na chamada da escola ou na voz de minha mãe quando se enfadava, o nome que declarei ao chegar, nem sei mais a quem, para servir-me como senha, fazer-me uma entre todas as outras Marias do lugar onde eu devia esconder-me, tornar-me como um peixe dentro d'água, preparar o terreno para quem viesse depois de mim. (REZENDE, 2016, p. 16).

Fato é que, com a missão que tinha deveria ser discreta, chamar o mínimo de atenção possível, tornar-se verdadeiramente uma Maria entre tantas outras para assim conseguir cumprir a função que lhe foi confiada.

3.2 As memórias de outros cantos costurando o ontem e o hoje

Como susodito, a maior parte da narrativa do livro é composta pela reconstrução do passado através da memória da narradora. O presente aparece em pequenas passagens. Outro recurso observado é o de trazer memórias dentro de outras memórias. O relacionamento de Maria com a preservação e a reconstrução de seu passado é tão intenso que por vezes a debilitava fisicamente, afinal, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.” (BOSI, 1994, p. 17), sendo assim, memória é trabalho, e esse a protagonista o fazia intensamente.

O estímulo inicial às memórias de Maria no romance advém de um passageiro que se senta ao seu lado no ônibus, despertando-lhe o olfato, a visão e a audição à reconstruir a presença de figura semelhante 40 anos atrás: “o odor flui da minha memória”; “o vaqueiro destaca-se, negro como xilogravura contra o fundo avermelhado”; “desejo e espero que ele lance, enfim, o seu aboio.” (REZENDE, 2016, P. 09-10) de forma que “é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde” (BOSI, 1994, p. 10). Os momentos nos quais a memória da narradora trabalha suas recordações quase sempre são auxiliados por estímulos do presente de forma sensorial, seja pelo tato, visão, audição e olfato, em maioria são imagens que trazem à luz outras imagens que estavam escondidas no inconsciente. Como, por exemplo, a imagem da mulher parada à beira da estrada que prontamente faz recordar Fátima e até confunde Maria que pensa estar a “ver visagens, benignas, porém, como só em sonhos” (REZENDE, 2016, p. 24), fazendo esse misto diálogo de sua imaginação com a realidade. Observa-se até aí, fazendo alusão à constatação de Bosi (1994, p. 9) ao refletir a teoria de Bergson, que a protagonista é constantemente tomada por lembranças que estão impregnadas nas imagens ao seu redor, fazendo com que o passado atue no presente.

Além da *imagem-lembrança*, Maria também trabalha por construir a sua *memória-hábito* que sendo uma das exigências da socialização “trata-se de um exercício que, retomado até a fixação, transforma-se em um hábito, em um serviço para a vida cotidiana” (BOSI, 1994, p. 11) e naquele lugar seria de suma importância introduzir-se o quanto pudesse na rotina do povo:

Alegrava-me buscar a cada dia atingir a econômica precisão dos gestos de Fátima, até que se tornassem um ritual perfeito de culto à vida cotidiana [...]. Assim foi com o equilíbrio do pote d'água na cabeça, com o tingimento do

fi, a urdidura dos liços e com a ciência da montagem do tear de minha amiga. (REZENDE, 2016, p. 28)

Mesmo com todo empenho em acompanhar fisicamente a rotina das pessoas de Olho d'Água, o que mais movimenta a personagem dentro da narrativa é seu trabalho de reconstrução de lembranças. E praticamente tudo ao seu redor se torna gatilho para suas travessias mentais. Além das provocações que vêm espontaneamente até ela, de forma específica, a narradora carrega consigo uma caixa de objetos/amuletos que são colecionados ao longo de suas viagens ao redor do mundo. Ela os guarda como tesouros e só entra em contato com eles quando, propositadamente, pretende evocar suas memórias. Há uma diferença importante do impacto causado na personagem pelas memórias que chegam de forma espontânea e das que são chamadas.

Ao se apossar de algum dos objetos de sua caixinha de preciosidades, sempre se faz presente em suas lembranças um olhar que a intriga profundamente. Um olhar masculino que, inicialmente aparentava ser uma paixão da adolescência, passa a ser figura constante nas demais viagens que se apresentam a seguir sob diferentes nomes: Harley, Mauro, Borges, Michel, Said, Paulinho, Miguel e, no sertão, Antônio. Admitindo ela que a aparência de todos eles é distinta, mas que acredita ser a mesma pessoa por causa desse olhar que tanto a impacta, ao mesmo tempo questiona-se de que isso pode ser delírio ou excesso do seu desejo de que assim fosse. Nesse caso, levando mais uma vez em consideração as reflexões de Bosi (1994, p. 17), dessa vez acerca dos estudos de Halbwachs, por ser a memória trabalho então “deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’”, pois “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição”, então “por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem”. Refletido isso, é possível deduzir que por mais que esse olhar pareça tão claro para ela, pode ser apenas a sua memória/vontade atualizando uma experiência anterior em uma imagem atual. Ademais, por vezes, ela poderia estar em um estado onírico pelo extremo cansaço físico.

As demais memórias também podem seguir por esse princípio de reconstrução, considerando agora as memórias paralelas. Dentro da rememoração principal, que é a sua primeira estadia no sertão de 40 anos atrás, a personagem-narradora relembra outras memórias que lhe vinham à cabeça naquele período, são elas viagens que já havia feito para outros países: Argélia, México, Paraguai, Portugal, França; também histórias que conhecia e recontava ao povo, as histórias que ouvira deles. Ao repassar essas memórias a narradora admite que o fazia “revivendo e ampliando fatos quase etéreos na sua origem, tentando atribuir-lhes concretude e verdade” (REZENDE, 2016, p. 108). E quanto às histórias que dividia com o povo, ela revela em uma delas que ao contar eles sabiam “até dos sentimentos mais profundos do personagem, que **reinventam** a cada narração e eu **reinveto** agora” (REZENDE, 2016, p. 87, grifo nosso). Essas marcas demonstram a consciência da narradora sobre a mobilidade das lembranças, entendendo que:

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo. (BOSI, 1994, p. 29)

E talvez por sua consciência dessa mobilidade que ela urge, em seu trajeto de ônibus, fazer toda essa reconstrução de sua primeira experiência em um sertão, antes que nele se encontre novamente, pois por mais que essas lembranças já possam estar “comprometidas” pelo tempo, ainda assim preservam uma pureza, que, ao adentrar no sertão moderno, serão atualizadas e misturadas com as imagens do hoje. Serão refeitas.

3.3 Os Cantos de Maria pela Pedagogia da Autonomia

O espírito curioso, investigativo, humanizador, sensível e crítico da personagem principal a revelam como uma educadora progressista, e suas práticas se alinham às sugeridas por Paulo Freire para uma pedagogia da autonomia. É difícil observar as ações e intervenções de Maria naquele povoado sem relacioná-las às descrições freirianas, visto que ela é sempre movida pela consciência de que “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível” (FREIRE, 1996, p. 39).

A convicção de que mudança é possível compactua com a noção de inacabamento do ser discutida por Freire, pois sendo o ser e o saber inacabado/inconcluso, há sempre o que aprender, não há limites para o aprendizado, enquanto há vida, há aprendizado. Ficando isso claro, pode-se entender melhor a importância do ensino de jovens e adultos numa realidade em que a população não acreditava que “um homem feito” pudesse ainda aprender mais alguma coisa, por considerar que na idade adulta a cabeça já *absorveu* todas as informações que ela poderia *receber*. Atente-se aos termos “absorveu” e “receber” que mais estão próximos do estilo conservador de ensino, que limita o aluno a receber e absorver passivamente o conhecimento transmitido pelo professor sem muitos questionamentos. Apesar dos habitantes daquela região não terem tido oportunidades de acesso ao ensino escolar, ainda assim possuíam essa mentalidade enraizada e conformada com a realidade em que viviam. O que tornava a missão de Maria ainda mais complicada.

Esclareça-se aqui que o seu objetivo não era o de forçar aquelas pessoas a aceitarem uma luta que elas mal conheciam, muito menos deixar de lado os que rejeitassem às mudanças. Era preciso, antes de tudo, oportunizar o contato dessas pessoas com o ensino, com o pensar crítico; oportunizar um olhar mais amplo sobre suas próprias práticas e sobre o que produziam, para que, assim, eles mesmos, de forma autônoma, tirassem suas conclusões. Afinal, é essencial que não seja negado ao ser humano o direito à educação. Mas esse percurso é longo e exige do educador todos os critérios ressaltados por Freire na obra citada, e além disso, exige a consciência profissional de que:

se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação. Primordialmente, minha posição tem de ser a de respeito à pessoa que queira mudar ou que recuse mudar.” (FREIRE, 1996, p. 36).

O papel do educador deve ser, portanto, o de um insistente provocador, que estimula seus alunos a ampliarem seu mundo imediato, sem, todavia, impor-lhes suas ideias como verdades acabadas, mas respeitando as inquietações dos alunos que venham a surgir no processo da produção do conhecimento, caminhando rumo ao entendimento do pensar certo. E o

pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente. (FREIRE, 1996, p. 16).

Outro desafio que Maria precisa lidar nesse processo é o regime ditatorial no qual o país se encontrava e que, por isso, muitas das práticas de ensino tinham sido reduzidas a tecnicismos, situação que ela teria que driblar com sutileza. A protagonista relata seus temores ao citar a camuflagem da capa de um de seus livros e de outros objetos que seriam suficientes para condená-la “se vistos por olhos indevidos, e por isso ficavam escondidos” (REZENDE, 2016, p. 107). Além também, das opressões do “Dono” das terras, esse poder invisível que só se manifestava para sugar o pouco ganho do povo e puni-los caso não cumprissem as ordens estabelecidas. Por causa dele, inclusive, os preparativos para as épocas festivas eram confeccionados sempre às escondidas no meio do mato, pois, caso contrário: “eles eram capazes de rebentar com tudo só pra aperrear mais o povo” (REZENDE, 2016, p. 78).

Vê-se que além de toda exploração, ainda havia a opressão que tentava os impedir de manifestar suas formas de cultura, crença e arte, mutilando o povo de sua identidade, visto que:

estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível. (FREIRE, 1996, p. 30).

Além disso, é importante frisar que “assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado” (CANDIDO, 2012, p. 18). Para eles, esses momentos representavam o seu descanso da aspereza daquela realidade e a contemplação de algo maior.

3.4 A importância do ato de ler e o papel da educadora em “Outros cantos”

Como supracitado, uma constante na obra analisada, e na maioria dos escritos de Rezende, é a importância do ensino, das letras e da arte. Todas essas coisas são valorizadas e ressaltadas com esmero, primeiramente porque a personagem principal é uma professora alfabetizadora com a missão de ajudar o povo daquela região a evoluir criticamente através das letras, visto que Maria faz parte de uma comunidade revolucionária que visa instigar o povo a tomar posse dos seus direitos através do conhecimento. Mais do que alfabetizar, ela visa executar a “proposta de uma educação voltada para a formação de agentes da mudança social” (BEISIEGEL, 2010, p. 66), seguindo os passos do educador Paulo Freire. Em diversas oportunidades, a personagem externaliza sua tarefa de preparar o terreno e abrir os caminhos para que seus companheiros tenham passagem para chegar e auxiliar na preparação para a luta popular e a plantação de mais sementes. Destaca-se também o valor que as pessoas do vilarejo atribuíam aos seus momentos de contação de histórias, cordéis, cantorias; a atenção com que ouviam

histórias de outros cantos e diferentes das suas e a empolgação com a possibilidade de dominar as letras para que pudessem, além de oralizar suas histórias, transformá-las em folhetos de cordéis escritos, cartas, entre outras coisas.

Essa socialização nas rodas de contação que a personagem-protagonista pôde vivenciar ao chegar ao povoado tornar-se um facilitador da sua missão, visto que uma das etapas iniciais do método que ela visa implantar no local exige justamente um estudo sobre a cultura e os modos de vida na localidade atendida, além de inseri-la na comunidade.

Detendo-se à personagem Maria como professora, e além disso: uma ativista, observa-se mais do que a “simples” vontade de ensinar, mas a vontade de libertar e oportunizar a abertura de novos caminhos, e isso, através de um ensino relacional, pois como o próprio mestre educador, Paulo Freire, apontava a "necessidade de eliminar o autoritarismo na educação, e este autoritarismo, em sua expressão mais sutil e consolidada, surgia exatamente nas relações dos homens que sabem, porque têm a verdade, com aqueles que precisam ser esclarecidos, porque nada sabem" (BEISIEGEL, 2010, p. 68). Ao chegar ao povoado de Olho d'Água, Maria busca inicialmente conhecer mais daquele lugar e daquele povo, começa misturar-se para melhor entender como as coisas ali funcionavam e, em seguida, começa a adquirir os conhecimentos necessários para sua estadia, afinal “como trabalhar, não importa em que campo, no da alfabetização,[...], no da evangelização ou no da saúde sem ir conhecendo as manhas com que os grupos humanos produzem sua própria sobrevivência?” (FREIRE, 1996, p. 42). Durante a leitura do livro, é notável o destaque e o reconhecimento que os diferentes saberes têm, por isso, Maria reconhece o valor e a imprescindibilidade de aprender com eles a vivência dali antes de qualquer outra coisa:

Aprendia eu, a cada dia, muito mais e indispensáveis saberes para a teimosa vida nos mais hostis cantos do mundo do que as letras que eu viera trazer-lhes, úteis apenas em mínimas ilhas de privilégio desigualmente espalhadas no globo terrestre. (REZENDE, 2016, p. 28)

Essa observação faz o leitor refletir sobre uma realidade ainda persistente nos dias atuais, mesmo que em menor escala em que pessoas, oprimidas e exploradas, batalham arduamente para garantir a alimentação mínima diária e que não têm possibilidades nem oportunidades para buscar uma realidade diferente da que vivem. Essa troca de experiências abriu portas para que ela pudesse acessar os sabores e os dissabores da vida naquele pequeno vilarejo sertanejo, de forma que a motivação de ficar e tentar interferir naquela realidade crescia cada vez mais na personagem protagonista: “quanto mais eu me dedicava a aprender, compreender e ensinar, mais percebia quão longo seria o caminho, mas eu queria, sim, ficar ali, cumprindo o papel que me deram eles de lhes contar histórias, ou o que me tinham dado os companheiros, de mudar a História.” (REZENDE, 2016, p.144)

De modo oficial, Maria chega ao povoado como professora do projeto Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), projeto que "o seu modelo foi bastante condenado como proposta pedagógica por ter como preocupação principal apenas o ensinar a ler e a escrever, sem nenhuma relação com a formação do homem" (MENEZES, 2001). Maria torna-se dependente das promessas de um vereador para obter o material necessário e iniciar seus trabalhos. Ela aguardava pacientemente, mas não passivamente, a chegada dos instrumentos de trabalho, pois preparava seu material como podia: desamassando os restos de papéis que vinham enrolados nos fios, andando pelas matas com um bloco de desenho para registrar os nomes de

espécies de plantas locais que serviriam para ajudar na alfabetização, contando histórias e, principalmente, criando uma relação de confiança com seus futuros alunos. Sendo ela, nesse caso, o retrato do professor que faz tudo que está ao seu alcance para oferecer aos alunos o melhor possível com as condições de trabalho que lhes são dadas, que são as mais precárias possíveis, “havia que aprender tudo para poder ensinar. Não havia fórmula já testada nem manual a seguir. Inventar fazendo, era o jeito.” (REZENDE, 2016, p. 106).

O Mobral consistia na educação de jovens e adultos, o que contrariou muitos dos moradores da região, pois, para eles, adultos já feitos e de cabeça dura não teriam mais nada a aprender, e as mães estavam “ansiosas para ver seus pirralhos aprenderem a ler e escrever, ou ‘pelo menos desasnar, saber cantar a carta do abecê” (REZENDE, 2016, p. 140). A solução que Maria encontrou, sugerida por Fátima, foi manter uma turma clandestina para os pequenos pela manhã na qual só poderiam ser matriculadas as crianças de família que tivessem pelo menos um dos grandes matriculado na turma da noite. Desse modo, ela alcançaria o número necessário de alunos para manter sua turma oficial exigida pelo projeto, além de poder trabalhar com os menores e plantar ainda mais sementes por ali.

Quando finalmente o que lhe foi prometido chega, a narradora relata que o material recebido se tratava de uma versão do método freireano, que originalmente tem o intuito de uma alfabetização conscientizadora e transformadora. Mas a cartilha que recebera “reduzia tudo à mera técnica de decompor uma palavra em sílabas, modificá-las com novas vogais, recompô-las em novas palavras” (REZENDE, 2016, p.139), mantendo assim uma alfabetização “desvinculada da realidade, ingênua, por isso se usa frases prontas, sem criticidade e muitas vezes sem sentindo [...] que só reforçam o caráter bancário” (ARAÚJO, 2013, p. 5) desse ensino desconexo. E nessa época especificamente era comum que métodos pedagógicos fossem usados, mas “esvaziados de todo senso crítico e problematizador” (MENEZES, 2001), visto que isso poderia ser uma ameaça ao regime vigente. Maria logo critica a ironia de que a primeira palavra da cartilha seja “tijolo”, uma vez que o público-alvo do ensino se encontra rodeado por uma realidade de taipa, palha e madeira rústica. Nota-se, assim, as diferentes compreensões que uma professora-libertadora e o “Estado” tinham do método Freireano: um continuava a reprodução bancária de fórmulas feitas “tal qual” o modelo tecnicista, já ela sabia exatamente as técnicas e as adaptações necessárias para envolver seus alunos em um aprendizado reflexivo e crítico.

Pode-se entender a figura do vereador, que só aparece em tempos de eleição e apenas oferece migalhas ao povo, como uma representação de um governo (ou uma entidade maior) que nutre essa educação precária visando manter o povo passivo e refém de um poder autoritário que só favorece aos próprios interesses, considerando que a educação abre a mente e instiga questionamentos. E é esse perfil questionador que Maria tenta despertar em seus alunos sutilmente nas suas aulas, que eram conduzidas utilizando sua criatividade para inserir as histórias que ouvira do povo nos fins de tardes sob a algarobeira e as suas próprias histórias. Dessa forma seus alunos iam se interessando e começando a aprender a conduzir as letras. É curioso observar esse método de iniciar as aulas pelas histórias contadas por eles mesmos, crescendo e intercalando com histórias de outras realidades, pois segue o raciocínio para ensino de literatura de Cosson (2009, p. 47) que fala sobre partir do horizonte de expectativa do aluno e posteriormente rompê-lo, ampliando-o, pois para ele “é necessário que o ensino de literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do

simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno”. Também como, segue um dos princípios de Paulo Freire (1996, p. 63) sobre o respeito à leitura de mundo do educando:

saber escutá-lo não significa, já deixei isto claro, concordar com ela, a leitura do mundo ou a ela se acomodar, assumindo-a como sua. Respeitar a leitura de mundo, do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando. É a maneira correta que tem o educador de, com o educando e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo.

Todavia, as investidas que abordavam a política eram frustrantes, pois o peso do conformismo cultivado e passado de geração em geração era firmemente enraizado naquele povo, e de certa forma ainda o é, em uma parcela da população atual que não possui condições de acesso a melhores níveis de escolarização, "esperava-se que o exame e a discussão dos conteúdos[...] levassem os integrantes do grupo à mudança das atitudes anteriores de apatia e conformismo" que cada participante passasse a "entender-se como o 'fazedor deste mundo da cultura'" (BEISIEGEL, 2010, p. 47). Porém, o supracitado vereador tinha total apoio e suporte dos moradores de Olho d'Água, que, quando questionados acerca da justiça de certas condições respondiam de acordo com os ensinamentos que neles estavam arraigados de que "a vida é assim mesmo, o que Deus fez a gente tem de aceitar, Ele sabe por que a gente nasceu pobre para viver pobre até chegar no céu." (REZENDE, 2016, p. 143). Por outro lado, a preocupação maior do político era garantir aqueles que poderiam elegê-lo novamente, aproveitando-se da ingenuidade de pessoas que nem documento possuíam, e os que tinham era um "suspeito título de eleitor de quem supostamente sabia assinar nome", e mesmo assim se tratava de um "documento que muitos declaravam ter, mas que ficavam no escritório do vereador" (REZENDE, 2016, p. 142) sob a desculpa de ninguém perdê-lo ou para que nenhum animal o pudesse mastigar, mantendo o povo sujeito ao seu controle.

A reprodução do mito de que o nascer rico ou nascer pobre é desígnio divino, e que não há nada que se possa fazer para mudar essa situação, foi uma estratégia muito utilizada pela classe dominante durante um longo período, mantendo assim, os ricos em uma posição confortável sem contestações por parte dos oprimidos, que não iriam se opor à vontade divina. Esse ponto Candido (2012, p. 14) já havia posto em discussão há alguns anos:

Hoje, não se afirma com a mesma tranquilidade do meu tempo de menino que haver pobres é a vontade de Deus, que eles não têm as mesmas necessidades dos abastados, que os empregados domésticos não precisam descansar, que só morre de fome quem for vadio, e coisas assim. Existe em relação ao pobre uma nova atitude, que vai do sentimento de culpa até o medo.

Vê-se aí o indício da responsabilização social pela desigualdade instalada na sociedade, em que a classe dominante e os próprios políticos começam a mudar seus discursos e tratar essa discrepância econômica como inaceitável. Com essa mudança de entendimento a narrativa que começa a ser propagada pela mensagem política é a de que a implantação de políticas sociais visará reduzir essa radicalidade da má distribuição em que muitos vivem sem ter o que comer e

em comparação a eras passadas chegamos a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza. Isso permite imaginar a possibilidade de resolver grande número de problemas do homem, quem sabe inclusive o da alimentação. No entanto, a irracionalidade do comportamento é também máxima, servida frequentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade (CANDIDO, 2012, p. 12)

E dada essas circunstâncias muitos continuam vivendo à margem da sociedade e à mercê das promessas políticas, mesmo com o fato de que “a miséria se instalou nos palcos da civilização e foi se tornando cada vez mais odiosa, à medida que se percebia que ela era o quinhão injustamente imposto aos verdadeiros produtores da riqueza” (CANDIDO, 2012, p. 26), mas esses permanecem sem oportunidades reais de acesso a emprego, profissionalização, estudo básico ou qualquer outro meio que os dê uma perspectiva de melhoria de vida.

Para o povo de Olho d'Água o ensino era a esperança de algo melhor, e isso é demonstrado em diversas ocasiões, principalmente no desejo dos pais de que seus filhos pudessem ter acesso a melhores condições de escolhas que os oportunizassem um melhor caminho. Boa parte do caloroso acolhimento que Maria teve naquela comunidade, para além da ‘natural’ receptividade do povo sertanejo, deu-se em virtude da expectativa do que ela viera ali proporcionar através do ensino.

Como evidenciado anteriormente, a vida naquele lugar era extremamente custosa, um copo de água era resultado de muito sacrifício e trabalho, a mínima alimentação igualmente, cada gota e cada grão eram valiosos. Ao lembrar disso, entende-se o peso dos gestos de Fátima ao cuidar tantas vezes da recém chegada professora, ajudando-lhe com água e alimentos, confiando que o aprendizado que seus meninos obteriam através dela compensaria tudo. Nas falas das próprias crianças: “Mãe disse que depois você paga ensinando as letras pra gente crescer a inteligência” (REZENDE, 2016, p. 56). E é esse tipo de valorização e esse lugar de prestígio que o letramento deve continuar tendo na sociedade, dado que “a escrita é [...] um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano.” (COSSON, 2009, p. 16).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa análise, pôde-se perceber o importante papel da leitura, da educação e da arte na formação crítica do ser e como forma de rompimento com a opressão dos dominantes que limita a intervenção dos mais pobres na história, assim como compreender o referencial social que uma obra de arte (neste caso a literatura) apresenta em relação ao meio em que ela está inserida. Iniciamos o trabalho refletindo acerca da obra e do processo de escrita da autora Maria Valéria Rezende, podendo perceber a diversidade que a linguagem oferece ao seu leitor para que este, com ela, reflita sobre a sociedade da qual fazem parte.

Em seguida, fez-se uma passagem pelas travessias físicas e mentais da personagem Maria, buscando compreender suas motivações e suas ações nesses outros cantos os quais ela percorria. Além disso, foram analisadas a construção e atuação da personagem narradora como educadora, inserida em um espaço fictício, marcado por injustiças, desigualdades, pobreza e ignorância. Neste espaço, (des)cortinam-se as práticas embasadas em pressupostos da educação popular freireana desenvolvidas pela personagem Maria em meio a situação de perseguição

e impedimento de exercer a sua função, em uma clara referência ao período ditatorial militar ocorrido no Brasil nas décadas de 1960 a 1980.

Concluimos destacando o papel primordial e indispensável do educador democrático e curioso na formação de uma sociedade mais justa e que luta contra as misérias impostas desumanamente sobre a parcela mais vulnerável da população, formando cidadãos que terão em mãos e na mente o poder e os meios para mudar, ainda mais, a sua história. Para encerrar, fiquemos com o seguinte dizer de Paulo Freire (1996, p. 39):

O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como fado ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir.

É contra esses discursos de acomodação, silenciamento e desumanização dos sujeitos que a Maria de Outros cantos luta, assim como muitos educadores por diferentes cantos deste país.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Edmilsa Santana de. **Alfabetização e letramento na visão de paulo freire**. Disponível em:

<https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2013/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_1892_20512833f49f30e999519f0ff649f63b.pdf> Acesso em: 12 fev. de 2023.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 128 p.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade lembranças dos velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura** *In*: _____. Orgs.: Aldo de Lima. et al. Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2012. 160 p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23ª ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARIA Valéria Rezende. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1811/maria-valeria-rezende>> . Acesso em: 27 de fevereiro de 2023.

MATTA, Roberto da. **Você tem cultura?**. Rio de Janeiro: Jornal da Embratel, 1981.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. **Verbetes Mobral** (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em:

<<https://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>>.
Acesso em: 28 fev. 2023.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a subjetividade?**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 160p.

REZENDE, Maria Valéria. **Carta à rainha louca**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

REZENDE, Maria Valéria. **O voo da guará vermelha**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. 160p.

REZENDE, Maria Valéria. **Outros cantos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016. 146p.

REZENDE, Maria Valéria. **Quarenta dias**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. 248p.